



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Habitação

— PROBLEMA PRIMEIRO

PASSARAM dois meses sobre o despacho conjunto do Ministro da Administração Interna e do Secretário de Estado da Habitação e Turismo sobre a eliminação dos bairros de lata. Muitas outras notícias sensacionalistas reclamaram e tiveram o espaço sempre exíguo dos jornais. Mas parece-me de muito interesse não deixar morrer o assunto; antes, ir dando conta dos progressos feitos em frente fundamental para o bem do Povo, tal é a que visa sanar males tão profundos e de tão graves consequências como os que resultam de uma habitação inhumana. Este é um problema primeiro; um empreendimento totalmente construtivo, de uma só fase destrutiva, e esta muito feliz, no dia em que o morador queimar a barraca porque tem uma casa.

Continuo, pois, a debruçar-me sobre o despacho governamental. Vimos já o papel destinado às autarquias locais. Reza o despacho em seu número 4:

«Reconhecendo, no entanto, na generalidade dos concelhos, a insuficiência dos serviços técnicos camarários, o Fundo de Fomento da Habitação, através do Serviço de Apoio Ambulatório Local estabelecerá os acordos necessários com as Câmaras que o solicitem para o

fornecimento dos projectistas, monitores e fiscais técnicos, exigidos pelas operações.»

O que se tem feito neste sentido? Quais as Câmaras que, reconhecendo a «insuficiência dos seus serviços técnicos», já solicitaram os bons ofícios do Fundo de Fomento da Habitação, manifestando assim o seu cuidado prioritário com a resolução de um problema primeiro? Que resultados há do reconhecimento dos arremedios mais gritantes de habitação em cada concelho?

Eis uma notícia de interesse que vale bem um pedacito de coluna de jornal!

Começando pelo mais perto, tem-se sido informado razoavelmente do desenterramento de «uma cidade morta». Um brilharete ao serviço da cultura — inegável! — que nos faz surgir, por nada misteriosa associação de imagens, a palavra de Pai Américo: «Se dar sepultura aos mortos é obra de misericórdia, que dizer de dar casa aos vivos?!» Que merecerá mais e primeiro a nossa atenção?

Claro que uma coisa não estorva a outra. O que queríamos era ver também informação do que certamente se terá feito pela morada dos vivos.

Ora no nosso concelho — para não falar agora de dezenas de outros a que pertencem os centos de paróquias com que mantemos contactos,

Cont. na QUARTA página

O «DOCTRINA»

Não fora uma espera de quase três meses pelo papel, e o livro estaria agora chegando às mãos dos seus leitores. Assim, há que aguardar um pouco mais. Contamos que o Natal não passe sem esta prenda em casa dos quatro mil lares aonde a primeira fornada dos nossos livros vai direitinha. Depois são mais seis mil que se vão escoando em ritmo tão consolador que algumas das nossas edições e das reedições estão esgotadas e prestes a esgotar.

Se fôramos uma Editora comercial seria um êxito. Descuidados como somos, por princípio herdado de Pai Américo — «Não sejam solícitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos prelos. É melhor deixar tudo à generosidade espontânea de cada um.» — não dizemos que em cada edição não seja pago o seu custo, sim; mas anda muito dinheirinho por lá.

O êxito para nós é outro. Dele se dá conta várias vezes e ainda neste número o Júlio presta contas, que são pequenina amostra de muitos outros ecos que aqui chegam.

Pai Américo tinha a **sabedoria** do Evangelho. Por isso, dos seus escritos, lidos tantas vezes, em horas de meditação ou na tarefa material de revisão tipográfica, sempre extraímos «coisas novas e velhas» com o sabor de novidade.

Continua na TERCEIRA página

Não resultam das leis promulgadas pelos homens os direitos de reunião e de associação. Ao Estado compete apenas regulamentar esses direitos, que não são meras concessões ou privilégios seus. As instituições particulares resultam, pois, da explanação lógica daqueles direitos naturais, em ordem à busca dum maior estado de perfeição que todo o indivíduo deve procurar, independentemente de quaisquer credos ou ideologias e que se deve traduzir em bem-comum.

Sendo a Igreja uma sociedade perfeita, visando embora um fim último sobrenatural, em virtude do mandato que lhe foi conferido pelo seu Divino Fundador, deverá servir-se de todos os meios honestos para conseguir aquele objectivo, criando órgãos ou instituições adequadas; ou aconselhando os cristãos ao empenhamento na sua fundação. Assim, através dos tempos, têm surgido e continuarão a surgir inúmeras instituições com o aval da Igreja e nela incorporadas, com uma certa independência mas em consonância com o seu espírito, merecendo a sua aprovação tácita e o seu maior regozijo. As primeiras, fazendo parte do corpo da própria Igreja, só Esta pode retirar-lhes a aprovação, porque também as gerou e lhes transmitiu o seu espírito; das segundas, embora não canonicamente eretas, se receberam aprovação expressa da Igreja, também só Ela é juiz da sua existência ou necessidade. Fora desta perspectiva a liberdade religiosa seria um mito.

Aqui Lisboa

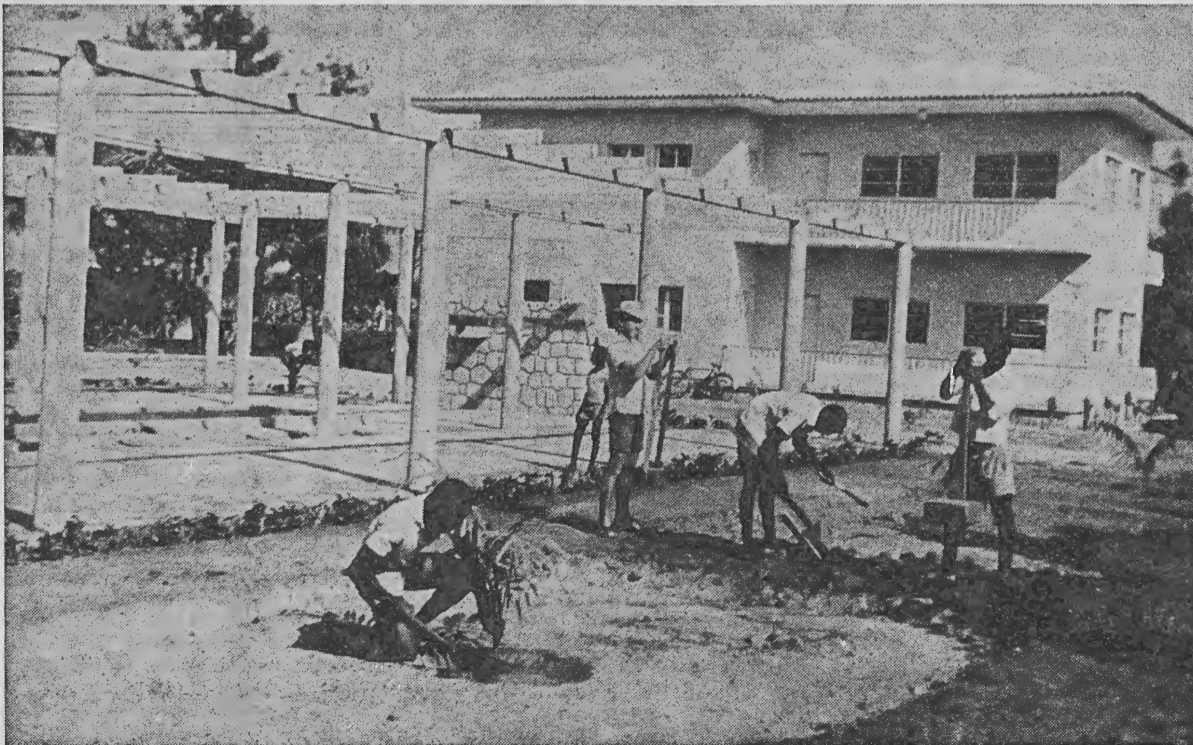
Deixando de lado as instituições religiosas estritamente espirituais, consideraremos sempre aqui, salvo indicação em contrário, as debruçadas sobre os problemas assistenciais, ou melhor dizendo, as que visam a Caridade incarnada em acção social, pela prática das obras de misericórdia corporais e espirituais.

E por hoje é tudo, resumindo apenas o que pretendemos dizer: as Instituições particulares de assistência têm a sua raiz no direito natural, que ninguém pode contestar. E as Instituições da Igreja, além disso, têm nela a sua própria razão de ser, em vista do mandato que lhe foi cometido pelo Divino Mestre, que requer a plena liberdade religiosa.

Padre Luiz

BENGUELA

Recanto da nossa Casa do Gaiato de Benguela: pérgola entre o salão e uma das residências.



PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

DIREITOS DA CRIANÇA — Descia a nossa latada em busca do grupo dos mais pequenos que ao fundo se ataravam com as suas vassouras de arbustos no asseio da dita. Necessitava deles para ir regar as couves, com as latas de regar jardins, obrigação que também a eles cabe, e chamé-os. Houve um que pediu ao Tó que lhe guardasse a vassoura. Ouvi a resposta: «Quem é o responsável pelas vassouras é o Toninho». Se eu perguntasse ao Tó, que tem 8 anos e é atrasado mental, o que é ser responsável ele não me saberia responder, mas ele sabe que quem é responsável pelas vassouras é o Toninho.

O Tó andou na escola e não passou da primeira atrasada como dizem os outros; no entanto, as conversas do Tó são tão engraçadas e com palavras que normalmente só dizem os adultos. Ouvi dizer por várias vezes: «O Tó sabe muitas palavras caras». Mas na escola não aprende!

Deixei cair um livro quando passava perto do Tó, apanhou-mo, disse obrigado e respondeu «não tem de quê». Por brincadeira, disse-lhe como é obrigado e não tem de quê em francês. Há dias passei por ele; arredou-se para me deixar passar. Eu disse *merci* e ele respondeu muito bem *na pas de quoi*. Aprendeu e não se esqueceu; mas na escola não aprende!

Li, há tempo, um artigo dos Direitos da Criança que, se me não engano, diz assim: «A criança quando atrasada mental deve ser reeducada em escolas e ambientes apropriados». A nossa Casa não tem ambiente apropriado e o Tó já esteve para voltar para onde veio por não ser este o local apropriado. Mas o Tó foi-nos entregue pelo Tribunal de Menores e já são vários

os recados para este Tribunal a dizer que o Tó não está bem, que é um deslocado, que necessita de ambiente próprio, esse ambiente a que ele tem direito.

O Tó está entre bastantes rapazes normais, mas são rapazes; e por vezes acham nele motivo de brincadeira e ultimamente têm-no posto à margem; começa a ser crescido e a perder a graça.

Qual o futuro do Tó? Virá a ser mais um marginalizado? Onde estão os Direitos da Criança?

Lita

Setúbal

MÚSICA — Este ano tivemos no nosso salão de festas, num convívio engraçado, o grupo «Apollo Stars». Dançámos, cantámos e divertimo-nos à grande. A maioria destes artistas são americanos. Possuem óptimos instrumentos musicais. Eles deram-nos latinas para nós irmos tocando também, fazendo de acompanhamento. Creio que foram satisfeitos com a recepção que lhes demos.

OFICINAS — Os rapazes que aqui trabalham na serralharia, carpintaria e tipografia entraram de férias a 14 de Agosto e findaram a 2 de Setembro. Acho que as férias fizeram-lhes muito bem. A propósito, nas nossas oficinas fazemos qualquer trabalho e por isso temos necessidade de nos aperfeiçoarmos cada vez mais e de ter ainda mais máquinas. Para a tipografia já temos encomendada uma máquina «offset» que com a guilhotina vai para mil e tal contos. Ora é necessário que os leitores nos ajudem. Mesmo que seja pouco, ninguém se envergonhe! Cada um dá o que tem e pode dar.

OBRAS — A casa do Rogério, neste momento, está funcional. Andámos agora em obras na antiga carpintaria de modo a transformá-la numa sala de Telescola com mais capacidade, uma vez que, este ano, o número de alunos do 1.º ano é muito grande. Nos quartos individuais dos mais velhos e na futura salinha-bar as obras estão quase terminadas. Restam os acabamentos, a canalização e a electrificação. Tomara que tudo isto estivesse acabado para ficarmos mais descansados.

OS NOSSOS AMORES — Modestito e o Alvarito são os nossos primeiros e grandes amores. Logo de manhã o Modestito (um pequerrucho muito vivo!) levanta-se da cama e procura a mãe (sr.ª D. Odília) para a encher de beijos. Se vai aqui, dá um beijo na mãe... Se vai ali, mais um beijo na mãe. E anda sempre de roda dela. Ao deitar não vai para a cama sem lhe dar um beijo. E, durante o dia, não a deixa (e teimall) se não vem um beijinho da mãezinha. Gostamos destes quadros vivos!

PISCINA — Também é o Modestito quem, dos pequenitos, menos medo tem da água. Se os amigos leitores o vissem a atirar-se para dentro da piscina na parte destinada aos maiores, que tem 3 metros e tal de fundura, até ficavam de olhos esbugalhados! Depois, se não lhe acodem logo, vai de chorar porque não consegue sair e porque começa a beber água que, embora seja doce, dá bem para encher e reventar a barriga. Lá tem então de ir um grande ajudá-lo. Mas logo que se sente protegido já não quer sair mais.

CASAMENTO — No dia 25 de Agosto casou um dos nossos, o Rogério. Foi casar longe, lá nas terras açoreanas. Mas à sua chegada fizemos uma grande festa e todos ficaram muito satisfeitos.

VENDA DO JORNAL — Cá por Setúbal vai mal. Dançes vendiam-se muitos jornais, mas com o aumento de 1\$00 para 2\$00, os fregueses que tinhamos deixaram de o comprar. Porquê? Será que os senhores não compreendem que somos pobres e que também precisamos de viver? Somos uma família de 140 filhos a comer, a vestir, a avar e a educar. E depois, também o papel, as tintas e a mão de obra se tornaram muito mais caras. Vamos lá, é preciso que todos compreendam estas coisas!

Aleluia

Calvário

PERSEVERANÇA — Há muita gente que gosta de contactar com lugares e ambientes, mas só para dizerem ao agregado a que pertencem, ou aos amigos, que sim senhor, que já conhecem isto e aquilo. Haverá destas pessoas que se contentaram ou ficaram convencidas de que conhecem o Calvário, porque lá vieram num dia de sol, chuva ou vento, consoante a ocasião. E isso lhes ficou como recordação. E até são capazes de terem feito uma visita «turística». Mas mesmo assim talvez até tenham visto e se lembrem de algum «coitadinho»...

Pois, meus amigos, se algum de vós assim tem procedido em relação a lugares que tenham percorrido com esta ou outra finalidade, nada tenho com isso. Mas vir aqui uma vez só para ver o agregado rodeado de arvoredo, que é este meio... — não tenhas ilusões; não basta! Porque o começar é de todos e a perseverança é de poucos. Pois sabe-se que abrem muitas flores na Primavera, e são poucas as que dão fruto.

Todas estas considerações, propostas, relacionam-se com pessoas que eu vou conhecendo e por conseguinte elas mesmas vão aprofundando o verdadeiro sentido deste meio e por isso conhecendo melhor os porquês e razões. E isto sem barulho ou ajuntamentos que não beneficiam ninguém.

Pequenos grupos. Creio ser uma razão muito válida para perseverar ano após ano sem desfalecimentos. Cito o caso concreto do «Grupo de Amigos de D. António Barroso». É necessário muito calor do Céu e esforços pessoais, pequenos e constantes, para não esfriar o entusiasmo da primeira hora. Sentem o dever. E isso é muito importante frisar no dia de hoje! Pois é necessário que cada um de nós sinta o dever de trabalhar e ajudar, numa forma ou doutra, perseverantes no caminho que conduz ao Amor.

Manuel Simões

AZURARA

É a primeira vez que escrevo para o nosso jornal.

Venho falar do 5.º turno de praia, em Azurara. Não foram só os de Paço de Sousa, mas fomos misturados com os de Beire.

Tivemos os primeiros dias com tempo mau, mas depois foi melhorando. Os banhos aumentaram, passava-se melhor e de vez em quando tinhamos uma visita de colegas que já se casaram e outras dos que se toram embora.

E a respeito da alimentação não é uma alimentação de família rica, mas sim de uma casa pobre, mas razoável. Fizemos uns pedidos às fabricas de conserva e de queijo que nos ofereceram a sua quantidade de latas. Agradeço em nome da Comunidade ao 5.º turno.

Caros leitores, termino esta minha crónica com um forte abraço deste vosso amigo.

Coeelho

Paço de Sousa

AS VINDIMAS — Estas começaram já dia 1 de Outubro e prolongar-se-ão até quase ao fim deste mês. Nós, os rapazes, somos os principais ajudantes desta colheita, contando também com a boa colaboração que é a dos nossos antigos trabalhadores camponeses. Junto a isto temos, também, ainda, a apanha do milho que, depois de reduzido a farinha, será feito em boroa, habitual alimento de todos nós.

PERÍODO ESCOLAR — As aulas já começaram e representam muito para o futuro de cada um de nós. Com certeza que iremos todos fazer os possíveis para aprendermos mais e melhor, visto hoje nada se conseguir sem estudos.

TROPAS — Já chegaram à nossa Casa, com o serviço militar cumprido, devido ao 25 de Abril, o nosso Francisco mais o Manuel dos Santos, ambos vindos da Guiné.

FUTEBOL — Terminámos o Verão sem o tempo ter sido preenchido com este desporto. Temos pena por assim ter acontecido, pois faria bem convivermos com pessoas de fora. Assim, o Inverno aproxima-se e com certeza que agora não há tantas possibilidades de realizarmos alguns desafios com aqueles que nos queiram fazer frente. Todavia, o Outono ainda é quente e se houver algum grupo que queira conhecer o nosso, embora actualmente abaixo de forma, queremos mesmo assim que venham, porque uma vitória alcançada aqui é sempre bastante difícil.

GINÁSTICA — Mais uma época de ginástica vai iniciar-se mesmo a par com o começo do ano lectivo. Temos um professor vindo de Penafiel às quartas-feiras, que se ocupa toda a manhã com os rapazes para ensinar e fazer praticar ginástica. Com isto, aproveito para comunicar que atravessámos um período muito triste, visto não termos bolas para as horas livres como para as respectivas horas de ginástica em que se pratica qualquer desporto.

Vamos pois começar nova etapa da vida. Depois, alguma coisa que



O «Passarinho» casou. E aqui está, feliz, ao lado da sua Mulher.

surja de agrado aos estimados leitores, eu logo tomarei nota e contarei. Despeço-me e em nome de todos os Gaiatos envio um forte abraço.

Manuel Amândio

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

RECEBEMOS — Para auxílios normais que dispndemos às mãos cheias, discretamente, resolvendo ou amenizando carências e angústias que — tantas vezes! — não transpiram de quatro paredes, chegou mais o seguinte:

Numa carta registada de S: Tiago de Ribal, 120\$00. A visita, e oportuna oferta, do linotipista dum matutino do Porto. Mais 50\$00 de Lisboa. Idem, de Pardilhó:

«Resolvi hoje cumprir com um dever que me tem preocupado bastante, pela demora, devido em parte pela falta de saúde, e ao mesmo tempo as grandes tarefas de trabalho em que me ocupo na agricultura, sem horário nem braços para me auxiliarem...»

Mais Campo (Valongo):

«Há 5 anos que faleceu meu Marido e, até hoje, tenho mandado celebrar uma Missa por sua alma, todos os meses. Acontece, porém, que neste mês não pôde ser celebrada.

Ora como eu creio que Deus atende as intenções, envio para a Conferência a fim de ser repartido pelas necessidades de tantos nossos Irmãos que ainda não sentiram melhoria de situação, porque a necessidade não tem aumento de salário...»

Mais 210\$00 de A. F. (seja bendita!), «por alma de meu Tio Júlio e Tia Alcina», formulando o voto de «que o nosso «Famoso» continue a semear Luz».

E mais 30\$00 do assinante 26424, de Costa de Castelões. Obrigado.

No próximo número daremos conta das importâncias recebidas para o caso da placa, indicado no artigo POBRES de 31 de Agosto.

Júlio Mendes

Dia Mundial da Infância

Como outros dias... de qualquer coisa, terá razão de ser se se projectar sobre os restantes 364 de cada ano.

Nem sempre assim sucede. «Pretende a Federação Nacional das Instituições de Protecção à Infância que aquele dia fique assinalado em Portugal como um dia de festa e, para os adultos, de reflexão sobre os males que afligem as crianças e as acções a emprender para os eliminar.»

Este segundo ponto parece-me o verdadeiramente importante. Não vou proferir a injustiça de que não haja quem, por devoção ou dever de officio, se debruce sobre estes males e os estude e procure remédios. Mas denuncio, sim, uma demasiada teorização, uma procura livresca em experiências estrangeiras que, talvez certas em outros contextos nacionais, não o são para nós traduzidas ao pé da letra.

Se há ponto em que temos mágoas antigas é na falta de

audiência dos Serviços de Justiça que se ocupam dos Menores. Várias vezes tentámos o diálogo desde há muitos anos. Não somos teóricos. Não temos bibliografia preparada; sequer tempo para ler tudo — e algumas coisas de muito interesse — que nos vêm à mão. Mas temos as mãos na massa. Mergulhámos a nossa vida em muitas vidas destroçadas. Aprendemos.

Cont. na TERCEIRA página



O primeiro rebento do «Melo», de Benguela.



O «DOCTRINA»

CONT. DA PRIMEIRA PÁGINA

Justamente, no catar das gralhas do nono caderno, dos 17 ou 18 que terá o livro, me deu esta vontade, a que não resisto, de partilhar com os leitores de «O Gaiato», a alegria que nos enche a alma e a ilumina.

Aí vai, pois, este excerto, à maneira de aperitivo espiritual:

«SEMPRE que vejo o célebre «O Gaiato» compro-o; mas, como os Gaiatos não vendem o jornal à saída de todas as Missas, logo que falto à igreja do costume e tenho de ir a outra, perco o jornal. E que grande desconsolo!

Não seria possível pô-lo à venda nos quiosques ou nas sacristias de todas as igrejas? Eu gostaria tanto de o assinar! Mas vivemos, eu e minha filha, dos nossos modestos ordenados. Não sei se, dando 15\$00 de seis em seis meses, este *bocadinho* chega a ser uma assinatura. Se for, então, aqui está a minha direcção. Se eu receber o jornal é porque pode ser e então envio a importânciazinha. Está bem assim?

Se não chegar, continuarei a comprar «O Gaiato» sempre que o encontro à venda e sempre que posso dou mais uns tostõezinhos.

Lemos o *feiticeirinho* de fio a pavio e ao fim voltamo-lo e tornamos a voltá-lo entre as mãos com a esperança de nos ter escapado algumas linhas. Mas, isso sim! É tão pouquinho! A gente chora, chora, mesmo quando se ri. Mas, é um choro de amor, de alegria e de consolação.

E como tudo ali é novo, ou melhor, como tudo aquilo é autêntico e velho «ouro» à rebentar as grosseiras e velhas camadas de rotina e desfiguração do Evangelho.

É *juntar* com Jesus ajudar a Obra! E ela é realmente o escândalo, a contradição e até a incompreensão. Tenho ouvido os mais variados comentários sobre a Obra da Rua. A maior parte é de louvor enternecido. Mas, já ouvi um «senhor» dizer depois de ter lido algumas linhas de «O Gaiato»: «É interessante, mas não convence»...

Outros («democratas», dizem eles) «gostam do Padre Américo... porque ele *chega* para os católicos; para ele tanto faz ser protestante como católico, como até ateu; não é preciso a Religião para a gente ser honesto e bom, mesmo sem a Igreja vive-se honrado; etc. Também *chegou* às Caixas de Previdência. E dos padres só se aproveita um único, o Padre Américo, etc., etc.. Incompreensão! Incompreensão! Da Obra em si, embora simpatizem, nada! Nem uma palavra! Mas, o escandalozinho do jornal interpretado pessoalissimamente! No entanto, lêem «O Gaiato»; alguns assinam-no ou compram-no até. A Obra, sem que o sintam bem, toca-lhes o coração. Só os mais fanáticos não perdoam que semelhante maravilha seja feita por um Padre.

Eu sirvo-me de todos os meios para o fazer ler: empresto-o, dou-o, ponho-o em sítios onde pode chamar a atenção, etc. E os corações comovem-se... mesmo a puxar a brasa para a sua sardinha...

Quando é exibido o documentário da Aldeia das Rapazes? Anunciem no jornal, sim? Os que não têm a felicidade de a poder visitar e lá deixar do seu pouco ou muito, ao menos, vêem-na no «écran». Vou mandar «O Gaiato» a pessoas amigas do Brasil e da Califórnia.

Perdão por este desprezioso arrazoado.

Vai em *estilo Padre Américo* e não conheço nada de mais simples e profundo ao mesmo tempo.

Que Deus guarde o Padre Américo por muitos e largos anos e multiplique em Portugal as Casas do Gaiato, são os meus votos.»

Eu poderia encher delas o «importante» quinzeirão, de tantas e tantas que recebo! Gosto da diversidade. Da discussão. Do falatório. Da poeira. Claro que todos interpretam à sua maneira, ou «puxam a brasa à sua sardinha», como diz o «feiticeiro». Sim. Pretendem que esta doutrina seja a doutrina deles, mas não é assim. Não pode ser assim. Ela é unicamente e simplesmente a Doutrina do Mestre. Quem não estiver com ela, está por isso mesmo contra ela. Ele há só um Mestre. Tudo o mais são mestricos com seus livricos.

Cuida-se, ainda, que alguém possa ser simultaneamente protestante com os protestantes, judeu com os judeus, espírita com os espíritas, católico com os católicos, e assim por diante. Ora não é verdade. Isso seria não ser. Eu cá tenho só uma casaca. Casaca que não dou, nem viro, nem troco. Agora, se eu disser que me faço tudo para todos, para que todos sejam meus, isso sim. Isso faço. Mas não deixo de ser católico. Católico, apostólico, romano. Sou da Santa Madre Igreja Católica, aonde espero morrer.»

AGORA

Continuamos o desfile iniciado no derradeiro número do jornal. Passam agora os de presença mensal:

Nove vezes 100\$, de Berta e Jorge. Idem, da Maria de Ois da Ribeira. Ao pé fica Agueda, de onde deu sinal, oito vezes, o correspondente habitual com 50\$00 para o Património dos Pobres e outrotanto pró Calvário.

Agora é Lisboa: o «Major do Silêncio» — oito presenças com as habituais lembranças para «Belém» e Ordins; e Bertha com a sua «renda» também para o Património dos Pobres e Calvário; e o mesmo da Assinante 17740 para as suas várias intenções.

«Da «Alda do Ribatejo», agora no Barreiro, só registo quatro presenças. A falta não deve ser dela — aposto — mas desta «desorganização organizada» que somos.

Continuamos a caminhar para o sul. Agora é Portimão. Cândida manda 3.600\$ «para pagamento do meu pequeno contributo de 300\$ mensais relativo ao ano de 74, a que me propuz, com o maior prazer, desde Junho de 72».

E voltemos ao norte: V. N. de Gaia. É o Alberto, do «plano decenal», «que já não mandava alguma coisa há três anos»

e agora envia 1.000\$. «Esta importância — acrescenta ele — não sei se chega para per fazer os 12.000\$ referentes ao respectivo plano que, infelizmente, levou mais de 10 anos a acabar. Se for possível, digam-me se chega ou não.»

Pelas nossas contas, até passa um bocadinho (mais 600\$). Mas isso não interessa. Com regra ou sem ela, se pode ser, que o plano não cesse. Os casos de habitação que são problema por esse País em fora, requerem bem mais de um decénio para ser resolvidos. E que bom se o fôssem!

Surgem agora os *Avulsos*. E «A Xaparica» com 500\$ para o que julguem de mais necessidade» e a que demos esta aplicação. São 1.500\$ de «Uma Professora» da R. de Artilharia 1, com outrotanto para a Casa do Gaiato. 600\$ de uma Anónima de Santo António dos Cavaleiros. Da Quinta da Póvoa 10 contos e este desabafo:

«Fiz este propósito quando ainda tudo era barato e as casas eram dessa quantia. Agora que tudo subiu, dá apenas para uma ajuda.»

Tenho muita pena de não dar o suficiente, no entanto, se Deus quiser, pode surgir essa feliz

oportunidade para tão grande obra humanitária.»

Na Capela das Almas, aquanda do peditório lá, 500\$ de uma Senhora e 14 contos de J. L. C., «promessa antiga para uma casa».

Cinquenta de Nisa, para a «Casa dos assinantes». 2.500\$, deixados por Adelaide ao Pároco da Igreja do Coração de Jesus em Lisboa. Igual quantia de Bragança, de «Uma que faz parte da Família». 100\$, «ape nas umas areias», de Fernanda. De Maria Margarida, 6 contos «por alma de meu Marido». 900\$ mais 500\$ de Maria Antonieta, a que sonhou as casas das «Três Marias» e «da Rosarinho» e aceita que, no actual condicionalismo, elas não possam ser. Mas mesmo assim não desiste, a valenté!

De Olival Basto — Odivelas, 1.800\$, «em cumprimento de duas graças obtidas por intermédio do Pai Américo. Já há muito tempo as devia ter cumprido, mas sou humana e fui-me descuidando. Hoje, porém, estou numa aflição muito maior, pois se trata da vida de meu Marido, em grande perigo. E pena que só nas provações nos lembremos mais de Deus!»

Continua na QUARTA página

DIA MUNDIAL DA INFÂNCIA

Cont. da SEGUNDA página

demos delas muito que não chega aos gabinetes dos que fazem leis e estatutos e regulamentos. Sempre temos alguma coisa a dizer. Vemos de uma perspectiva que não desdenha das outras, mas as poderia enriquecer, como enriquecer-se delas. Isto far-se-ia em diálogo, que nos foi recusado várias vezes. Temo-lo procurado nas páginas de «O Gaiato», que o Povo lê, mas não certos senhores doutores que também aproveitariam. Daí que nos firam profundas e velhas mágoas; que acolhamos com reserva a autoridade moral de Serviços Tutelares de Menores, embaraçados em burocracia, tratando, na frieza das suas secretárias, causas incarnadas e vertendo sangue.

As leis que deveriam defender os Menores, muitas vezes as sentimos como defendendo antes os adultos que estão na origem dos problemas. A ineficácia ultrapassa aquela dose dela que sempre haverá nas instituições humanas e temos de aceitar.

A criança — como, geralmente, os mais fracos de qualquer espécie — tem sobre si a maior probabilidade de per-

manecer vítima. E-o, já, quando ela própria constitui problema. Se formos à raíz, encontramos uma família desordenada e uma sociedade ambiente cheia de rasteiras e de clima malsão.

Depois, a medicina usada, decerto porque pouco preventiva e desatenta das causas, não liberta suficientemente da condição de vítima — vítima de si-mesma; vítima dos outros. Há casos que exigem amputações. Corte-se um membro e salve-se uma vida. O direito de sangue é fundamental — indiscutível! Mas não é absoluto. Pode ser rescindido — e deve sê-lo — justamente nos casos anormais, que infelizmente são muito frequentes.

Há conceitos fundamentais a rever:

1 — A flexibilidade das leis de protecção aos Menores. Mais do que quaisquer outras, em seu objecto, cada caso é um caso. As sínteses são muito ariscadas; as catalogações muito atrevidas.

2 — A presteza da sua execução.

3 — A prevalência dos direitos de criação sobre os de geração.

4 — A definição serena e objectiva do que é a Liberdade

de — dom primariamente interior, essencialmente espiritual — sobre que os adultos levantam poeira e lançam tamanha confusão.

E tantos outros... Não pretendo, nem sou capaz de esgotar o tema (Aliás, quem o será?...). Mas quero aqui deixar pistas de reflexão, que a vida nos tem imposto, mais do que intelectualmente sugerido.

Apresenta-se na circular aludida, como conquista a perseguir, que «TODAS AS CRIANÇAS fiquem de facto em condições de viver, dentro de alguns anos, com as suas responsabilidades de adultos, as alegrias de uma vida de plenitude, na prosperidade e na paz.»

Quem dera! Mas as condições sine qua non para tal, não têm sido, de facto, as que os adultos têm proporcionado. Que este Dia Mundial da Infância nos determine sem hesitações, à construção de um mundo diferente, adequado.



Os livros de Pai Américo

A correspondência dos Leitores, sobre os livros de Pai Américo, é verdadeiramente explosiva! Infelizmente, por falta de espaço, nem sempre podemos revelar este tesouro — dos maiores das colunas de «O Gaiato». Ai vão alguns extractos.

Ribeira de Pena:

«Venho cumprir o meu dever como assinante de «O Gaiato», para o que envio 50\$00 e mais 100\$00 para o pagamento de «O Barredo» recebido há dias. Nem se devia dizer assim... pelo bem que esses livros fazem, sacudindo um pouco o nosso egoísmo e espírito comodista. Muitos trechos os reconheci quando publicados no Jornal, vivos e sangrentos no dia-a-dia do santo Padre Américo, que assim considero, sem querer desrespeitar a competência da Santa Sé.

(...) Eu leio sempre «O Gaiato» com carinho e interesse, abençoando o Senhor por ir fazendo frutificar a semente lançada pelo Pai Américo e suscitando vocações para que continue a haver Padres da Obra da Rua.

Quando vejo ou ouço tantas desgraças que me entristecem, evoco esses heróicos e abnegados lutadores ao serviço dos Irmãos pobres e pequeninos, por amor de Deus.

(...) Mas vou acabar, pois se uma anónima palavra de amizade sabe bem e reconforta, também deve agradecer que seja breve...»

Santo Tirso:

«Só hoje dei por finda a leitura de «O Barredo».

A escrita clara e simples do livro deu-me a conhecer mais algumas das tantas desgraças do nosso século.

Transcrever quanto «O Barredo» me agradou, só aos meus sentimentos será possível.

Direi unicamente: «O Barredo» é um livro que colocará qualquer pessoa a par de mais uma das muitas partes obscuras do mundo em que vivemos...»

Lisboa:

«Junto 50\$00 para ajuda da impressão do livro «O Barredo», o qual já recebi há tempo. Peço desculpa por só hoje acusar recepção.

Quantos ao seu conteúdo, isto é, a doutrina que encerra, poucas pessoas haverá que não compreendam (para além daquelas que não querem mesmo compreender) o significado de tudo aquilo que, ao longo de todas as suas páginas, está expresso em linguagem tão característica como era a de Pai Américo...»

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



Sintra:

«Não tenho palavras para agradecer a maravilhosa oferta que me fizeram de me mandar o livro «O Barredo». Que Deus lhes pague. Foi a prenda mais preciosa dos meus 74 anos.

O que Deus faz está bem feito... Mas eu não posso esquecer... nestas alturas só me dá vontade de ir gritar à porta desses desgraçados Banqueiros e Ministros que eu servi — pois, fui criada deles — por morte do meu Marido para criar as minhas filhas e obrigá-las a ir ver o que V. sofrem para bem dos filhos que eles fazem e de que se envergonham. Eu sei, eu vi muita coisa, que se falasse... Vão 100\$00 para a ajuda das despesas do meu livro; mas foi

o que me deram pelos meus 74 anos. Quando puder pagarei o meu querido «O Gaiato»...»

Castelo de Paiva:

«Recebi «O Barredo», que muito agradeço. Ontem enviei um vale de 50\$00. Pouco, muito pouco. Adiante.

Já o li quase todo e a sua leitura tem-me feito bem: abriu chaga que começou a purgar. É preciso mantê-la aberta permanentemente, para que sangue sempre. Por isso peço o favor de me enviarem «O Gaiato».

«O Gaiato» vai ser o bisturi para manter a chaga aberta, a fazer doer, para não dormir tão descansadamente, sem preocupações.

É pena que outros volumes não sucedam a «O Barredo» com factos actuais. É que, ao lermos aqueles trechos, do tempo do Pai Américo, podemos sossegar-nos com a ilusão de que os problemas do género já foram resolvidos. A Obra não morreu. O Pai Américo continua. É preciso que tenhamos a certeza disso!

Também é pena que os trechos não tenham data. Não há dúvida que alguma coisa se tem feito no domínio da assistência e podíamos fazer melhor ideia da acuidade dos problemas em determinada altura...»

Esclarecemos que os textos de «O Barredo» foram escritos de Maio de 1949 a Abril de 1956.

Parede:

«(...) Os outros 100\$00 são para o livro «O Barredo», que tem estado a ser lido nas nossas reuniões Vicentinas, ou por outra, lido e meditado.

Quando nós ouvimos aqueles casos reais escritos há tantos anos, se não fôssemos vicentinos, e que sabemos que eles são reais, não acreditávamos. Com tanta propaganda, os Barredos eram um pesadelo do passado.

A Televisão mostrou a todos os Portugueses que o Barredo ainda existe. Deus permita que ele agora acabe depressa.

Só foi pena não ter ouvido nesse programa qualquer referência ao nosso Pai Américo, que em «O Gaiato» falou tanto nas misérias do Barredo e que infelizmente não o escutaram...»

Comentários? Façamo-los cada um de nós. É mais cristão — e proveitoso.

Júlio Mendes

Continuado da TERCEIRA pág.

É verdade — isto é, na verdade, muito próprio dos homens! Daí a salubridade das provações!

De Lisboa, «mais uma migalhinha do meu 13.º mês, dada com muito amor». Da «migalhinha» de 1.200\$, ficaram mil para o Património dos Pobres.

Do Jorge Carlos, em nome da Maria Isabel, 5.000\$, mais outras duas iguais arremetidas para a Casa do Gaiato e para o Calvário. Dez contos de Trancoso, da Maria de Lourdas. Oito, da Aldina, sufragando a alma do Marido

Nosso Padre Horácio manda notícia de um depósito: 80 contos do pinhal de Tentugal

AGORA

e 20 na casa de um sacerdote e a passar de 22 de um livro. «Maria da Saudade» com 12 contos:

«Quando há anos fiz esta promessa era esta importância precisa para a construção duma casa para o Património dos Pobres. Levei todos estes anos a pensar no cumprimento desta promessa, homenageando a memória do meu protector, Pai Américo, a quem recorro constantemente e de quem recebo

as graças de que tanto preciso para me ajudar a levar a minha cruz.

Uma vez que a importância que fui juntando com muito carinho, já não é suficiente para aquilo que eu desejava, deixo ao arbitrio de V. a aplicação daquela importância naquilo que mais for necessário.»

Fica na mesma, não para uma casa, mas para ajuda de muitas.

De Santiago de Besteiros, vinte contos, «com todo o fervor dos nossos corações, meu e do meu marido».

De M. L., da Avenida Madrid, 200\$. Da M. Helena, de Torres Novas, 500\$. O dobro de outra Helena, esta de Lisboa. Do mealheiro do Teatro Sá da Bandeira, de uma vez 4.331\$; de outra 5.208\$80.

«Por amor de Deus», 10 contos deixados no Espelho da Moda. Deixados no Montepio Geral, em Lisboa, 500\$ mais 200\$ de Helena e de Margarida.

Quinhentos, de Emília, «para telhas de uma casa». O dobro de «Uma portuense qualquer», «a lembrar a partida de Pai Américo para o Céu e para lhe testemunhar a minha admiração por tudo quanto fez a favor dos Irmãos mais necessitados».

Um «óbulo de viúva»: 20\$. «Miseros», diz ela. Só o Senhor sabe se nesta longa procissão não é das que deu mais...!

Seis contos de Clara. Oito de Alcina, mais mil pró Calvário e outrotanto para Pobres. Treze, de Cordélia. De Vilar Formoso, 600\$ e outras migalhas e os 100\$ de todos os meses.

Do assinante 12.802, este recado:

(...) Quanto aos outros 500\$ serão para aquilo que mais necessitarem de momento.

Com isto bem sei que nada se pode conseguir, mas como «infinitamente pequenos» somados dão um «infinitamente grande», fico pensando que se todos os que podem fazer o fizessem, na realidade, a vida das instituições que vós alimentais e sustentais seria mais benéfica a quem lá vive e tornaria o nosso Portugal mais feliz...»

E setecentas libras esterlinas de uma Portuguesa que moureja em Londres o seu pão.

«Esta quantia é fruto de muitas horas de trabalho extraordinário» — diz o Missionário da Consolata que foi portador da quantia.

Bendito seja Deus!

Habituação

— PROBLEMA PRIMEIRO

Cont. da PRIMEIRA página

desde há longos anos, a respeito de problemas de habitação de Pobres e de Indigentes — há ainda famílias vivas a «desenterrar» e, graças a Deus, muitas outras empenhadas em esforço de «ressurreição», que bem precisam e merecem mãos fraternas que as ajudem.

Quantos a morar em casas velhas, onde a chuva cai, o vento entra e a segurança é uma aventura todos os dias vivida! Quantos vêm até nós por um auxílio para reparar ou reconstruir, a quem temos de dar orientação, um nadinha só menos primária do que a que eles possuem, para que do «remendo novo em pano velho» não saia novo rasgão!

Quantas vezes nestas colunas reclamámos a urgência de uma assistência técnica, com muito sentido das realidades e sem burocracia, que talvez surja agora no tal Serviço de Apoio Ambulatório Local...!

Gostaríamos, pois, de saber e de ver que as Câmaras, atentas prioritariamente a estes problemas, aproveitam a oportunidade que este despacho governamental lhes oferece e chamam este Serviço de Apoio a apolar estas iniciativas heróicas a que tantos dos seus munícipes lançam ombros na vontade indiscutível e imensamente respeitável de uma casa digna desse nome.

Sempre repugnámos as obras de fachada e não acreditamos na verdade das soluções grandiosas. É norma para nós (norma que generalizamos no

quadro de modéstia dos recursos nacionais) aquela palavra que Pai Américo proferiu no 5.º aniversário da Obra com que Deus o fecundou: «A Obra da Rua nasceu pequenina como é próprio das coisas destinadas a ser grandes». Pois também os frutos deste despacho governamental, para chegarem a sê-lo, hão-de começar por pouco, mas com uma força-viva que não deixe mais parar os que nele se comprometerem. Assim se chegará a muito. Assim se irá caminhando em passo certo, seguro, para aquela meta aliciante de uma casa para cada família portuguesa, infraestrutura indispensável de um lar são, de uma sociedade melhor.

Urgente é começar, para que se acredite, para que não venha à luz mais um nado-morto.